

# Entre si mesmo e alteridade - as palavras do analista no diálogo intersíquico

Stefano Bolognini<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, o autor descreve algumas situações específicas, que podem ocorrer entre paciente e analista, quando uma atividade intersíquica está acontecendo. A partir da teoria da técnica, propõe-se enfocar os significados e consequências da possível modulação Self / não Self e seu monitoramento pelo analista, quando o par analítico está em ação. Primeiramente, faz uma diferenciação entre intercâmbio Intersíquico e Transpsíquico; a seguir, apresenta uma visão pessoal sobre a diferença entre Intersíquico, Intersubjetivo e Interpessoal e suas consequências no que concerne às palavras e ao estilo do analista na sessão; por fim, explora algumas ferramentas técnicas específicas, relacionando-as à modulação entre distância/diferenciação dentro do par analítico.

**Palavras-chave:** Interpessoal. Alteridade. Intersíquico. Intersubjetivo.

## **Intersíquico, intersubjetivo, interpessoal**

O intercâmbio psíquico (Bolognini, 2008), em breves palavras, é um processo natural e compartilhável que ocorre numa condição de entendimento mútuo e interação entre dois seres humanos. Seus equivalentes corporais são os modos fisiológicos de intercâmbios de e para o interior de duas pessoas, equivalentes a uma boa *amamentação/sucção* entre mãe e bebê, ou a uma boa interpenetração

---

<sup>1</sup> Médico psiquiatra. Membro Didata da Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI). Ex-Presidente da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

sexual entre um homem e uma mulher: ambos implicam a passagem de conteúdos internos de uma pessoa para outra, em uma situação de intimidade. Como sabemos, não são apenas elementos concretos (como leite ou esperma) que podem ser transmitidos de um *para dentro* do outro; também palavras, ideias e emoções (equivalentes psíquicos desses elementos) podem *alimentar* ou *fertilizar* o outro. Uma boa interpretação é algo assim.

A relação transpsíquica (Kaes,1993; Faimberg, Kaes & Enriquez, 1993; Losso, 2000,2003), ao contrário, é caracterizada por intromissão, violação dos limites sem o desejo da vítima, uma experiência insuportável e não elaborável, que força o corpo e/ou o aparelho psíquico do outro com efeitos negativos e, às vezes, destrutivos.

Em segundo lugar, a importante diferenciação entre Intersíquico, Intersubjetivo e Interpessoal: minha visão é que estes três conceitos são, em alguns casos, sobrepostos e intercambiáveis, mas em geral diferem. Um Sujeito poderia ser descrito como um ser humano com um núcleo de contato consigo mesmo suficientemente coerente, capaz de experimentar suas emoções com um bom senso de autocontinuidade. A percepção coesa de seu próprio Self pode estar atuante e ser forte o suficiente, mesmo que o processo de separação não esteja completo e os limites pessoais ainda estejam precariamente definidos. Muitos artistas, por exemplo, são intensamente subjetivos, apesar de uma certa indefinição de seus limites como pessoas.

Uma Pessoa é um ser humano com uma identidade bem definida, com limites corporais e psíquicos muito claros em sua auto-representação, e com uma distinção física do outro suficientemente clara. Parte relevante de sua atividade mental diferenciada pode ser desenvolvida em nível consciente, logicamente com todos os conflitos e defesas que a psicanálise tem explorado. Mesmo assim, uma Pessoa pode ser definida como tal, mesmo que tenha um contato tênue com sua subjetividade, como está descrito em muitos casos patológicos. Exemplo: um homem e uma mulher podem ter relações sexuais em estado de consciência, na ausência de sentimentos subjetivos. Por isso, *ser um Sujeito* nem sempre equivale a *ser uma Pessoa* e vice-versa; uma condição não exclui a outra, mas tampouco a garante.

No meu ponto de vista, o Intersíquico é um modo ocasional de coexperimentação e cointeração que conecta dois indivíduos, e não uma condição estrutural e estável, algo próximo à descrição de Widlocher (2003) sobre colaboração mental. Por exemplo, quando uma mãe amamenta um bebê, não há, inicialmente, um status pessoal declarado: houve infundáveis discussões sobre a existência ou não de algum grau de conscientização e de possibilidade de reflexão; mas, com certeza, pode haver uma cooperação natural entre a boca e

o mamilo, que permite que, tanto a mãe como o bebê *trabalhem juntos* (Segal, 1994) em um regime de boa cooperação fusional. Os dois são capazes de trocar conteúdos internos (tanto corporais, quanto emocionais) através de seus órgãos específicos, para dentro e para fora do mundo interno, cobertos por membranas (mucosa) que facilitam a passagem dos conteúdos de fora para dentro, e vice versa (Bolognini, 2008).

Como analistas, levamos em consideração que essas relações corporais, inicialmente experimentadas com um baixo nível de mentalização, mas com um alto grau de fixação, funcionarão como equivalentes intrapsíquicos posteriores, principalmente em um nível pré-consciente, como acontece, na maioria dos casos, nos processos criativos; eles irão, talvez, tornarem-se conscientes e encontrarão representação mental, mas isso pode não acontecer. E sabemos que o modo com que o pré-consciente está conectado, ou não, com o consciente é um elemento característico fundamental da vida intrapsíquica de cada indivíduo, por um lado, e da atitude intersíquica de cada indivíduo, por outro lado (Bollas, 1987).

É claro que, entre os diversos conceitos envolvidos no funcionamento intersíquico, é preciso mencionar, especialmente, a área transicional que possibilita a convivência intersubjetiva, graças a sua ação protetora, para que o Self não seja traumáticamente invadido pelo não-Self; isso permite ao indivíduo sustentar interações entre dois aparatos psíquicos sem nenhuma experiência recíproca de violação. Outro ponto importante é que, no intercâmbio intersíquico, não há confusão: uma área pré-subjetiva e cosubjetiva de sensações, sentimentos e pensamentos pode ser compartilhada, mantendo, ao mesmo tempo e em outros níveis, com continuidade não dissociada, modos individuais de funcionamento psíquico, caracterizados por uma condição de separação suficientemente boa (Guss Teicholz, 1999).

### **No ônibus em Bolonha**

Uma mulher inclina-se em direção à outra sentada a sua frente e, sem preâmbulos ou apresentações, comenta sobre um acontecimento menor que deve ter capturado seu interesse (talvez o jovem que, bruscamente, desceu do ônibus, ou a expressão encantada da garotinha, segurando a mão do avô em sua aventura pela cidade, etc [...]). A outra senhora responde de um modo amigável, no mesmo tom, e então inicia-se um pequeno diálogo, improvisado, baseado na prática de fazer comentários em voz alta.

Esse não é, note-se, um discurso às cegas, perturbado ou perturbador do psicótico, que não reconhece alteridade: aqui, a alteridade é claramente

reconhecida. É que, a possibilidade de trocar considerações que tornam-se tópico de um intercâmbio em um espaço intermediário, é percebida e considerada como implicitamente aceita e aceitável, desde que essas considerações sejam suficientemente genéricas, compartilháveis, na medida em que baseiam-se no senso comum, e não são intrusivas para a outra pessoa, mesmo que expressadas de maneira vívida. Winnicott, acreditem, teria se divertido em observar essas *cenas* em Bolonha que tem, à sua disposição, um espaço arquitetônico intermediador – seus 40km de pórticos – que não são nem o lar, nem a rua, e prestam-se à conversação em virtude de não serem nem *dentro*, nem *fora*, em nenhum sentido absoluto.

Mas voltemos ao ônibus, outro espaço potencial winnicottiano circunstancial. O assunto proposto no espaço intermediador pela primeira mulher atrai a segunda que, alegremente, *sente-se em casa* no mesmo nível mental e relacional, e retribui, sem desconfianças, produzindo suas próprias expressões de resposta, em um ambiente intersíquico que funciona numa espécie de extensão não confusional do Self. E assim, inicia-se uma conversa de ônibus: lembremos que não é um diálogo pessoal, porque nenhuma das duas mulheres se apresenta à outra formalmente, nem oferece detalhes sobre suas próprias vidas; é um diálogo que busca, em vez disso, declarar pensamentos e sentimentos compartilháveis, ambas cuidando para não ultrapassar os limites desse espaço intermediador em que Self e não-Self não pedem para ver o passaporte um do outro.

Pouco a pouco, o mundo torna-se um lugar mais fácil para se viver junto e viver em; a conversa dura algumas paradas (geralmente ao longo das ruas diagonais que atravessam o centro da cidade) e, no final da linha, a primeira mulher a sair do ônibus se despedirá educadamente da outra, mas sem trocar nomes e, provavelmente, sem lembrar de sua fisionomia. Elas não se cumprimentarão na próxima vez que seus caminhos se cruzarem, porque essas duas pessoas não se conhecem. Elas, simplesmente, compartilharam uma área psíquica limitada e intencionalmente circunscrita, que durou apenas algumas paradas de ônibus. Podemos ver, então, que isto foi, principalmente, uma troca intersíquica, e não uma relação interpessoal.

### **Reflexões na clínica**

Para um intersubjetivista, o Intersíquico pode constituir uma categoria que é difícil de entender e relativamente pouco familiar, porque diz respeito a fenômenos de coalescência, trocas e, às vezes, cooperação entre áreas e funções de duas mentes que não correspondem, necessariamente, a dois sujeitos, em

sentido estrito. Diz respeito a uma fisiologia funcional básica na relação entre dois aparelhos mentais, o que não significa, necessariamente, um envolvimento constante entre níveis mais estruturados de subjetividade. Não é necessariamente verdadeiro, portanto, que numa fase de contato intersíquico significativo na análise, o analista seja capaz de responder intersubjetivamente com base em uma forte coesão do Self.

Tenho testemunhado trocas intersíquicas ocasionais também com esquizofrênicos. Nesses casos, a subjetividade não era absolutamente coesa e, ainda assim, acontecia que *a boca se abria para comer, e algo poderia entrar*, de maneira ocasionalmente natural. Em suma, isso acontece no intersíquico, não no intersubjetivo; não há uma interação entre pessoas, uma forma pessoal de interação (Greenberg, 2001), com definição plena de identidades.

Desse modo, em análise com uma Pessoa a quem sinto que é apropriado propor um aumento na frequência das sessões, eu poderia dizer: - *Então, Sr. Bianchi, aqui estamos. Queremos aumentar para quatro sessões, depois de termos trabalhado extensivamente em três sessões por semana?* (este é um diálogo em um regime interpessoal funcional primariamente consciente, entre o Ego Central do analista e o Ego Central do paciente).

Com um Sujeito, no entanto, poderia dizer: - *Se acrescentarmos uma quarta sessão, você sente que isso poderia ajudá-lo?* Neste caso, apelo para a experiência subjetiva (você sente?), sem evocar *Mr. Bianchi*, isto é, sem formalmente, ou oficialmente, citar a Pessoa; em vez disso, dedico nosso cuidado e atenção para a experiência subjetiva e intersubjetiva que nós poderíamos compartilhar e descobrir, com ênfase mais na experiência do Self e menos nas fronteiras da identidade.

Em uma situação intersíquica, poderia dizer: - *Depois de seus comentários sobre ter fome, estou me perguntando como seria ter quatro sessões por semana; algo assim já passou na sua mente?* Deste modo, chamaria o paciente para uma cooperação associativa entre nós dois, e para um contato compartilhado com a experiência do Self; se quisermos, essa é uma outra maneira de compartilhar os *pórticos*, as *membranas*, de colocá-los a trabalhar em conjunto, analiticamente falando.

A dimensão intersíquica é, potencialmente, universal e ubíqua, mas não implica que, em algum momento, um nível funcional de auto-representação esteja em ação, o que é próprio de indivíduos totalmente separados que reconhecem o outro. Nesse sentido, Guss Teicholz (1999) observou que as interações mãe/filho ou analista/paciente promovem uma regulação recíproca constante, mas não necessariamente um reconhecimento recíproco explícito constante, o que pode ser evitado graças a essa regulação. Às vezes, o reconhecimento recíproco é tecnicamente proveitoso, outras vezes não é.

O Intersíquico pode, portanto, referir-se a níveis móveis de funcionamento pré-subjetivos e cosubjetivos, pode ser ocasional, não contínuo, e o paciente, geralmente, também mantém uma posição central na mente do analista. Goldberg (1994) assinala como, no intersubjetivismo, a atenção seguidamente acaba focada nos sentimentos, ideias e fantasias do analista durante o encontro. Então, o Intersíquico é um nível de funcionamento de *banda larga*, na medida em que permite a coexistência natural, ininterrupta e não dissociada de estados mentais nos quais o objeto (de ob-jectum: colocado, ou jogado adiante) é reconhecido como separado, ao lado de outros estados mentais em que esse reconhecimento é mais matizado. Isso não ocorre por razões patológicas, mas devido a uma condição temporária e transitória de fusão complementar e cooperativa (Bolognini, 1997a, 1997b, 2002a; Fonda, 2000) que faz parte da boa e normal interação mental entre seres humanos.

Nesses momentos, o reconhecimento da separação não é necessário: assim como quando você está embarcando em um voo e, no portão, o fiscal pede seu cartão de embarque, mas não pede o seu passaporte outra vez. Nesse sentido, a imagem da portinhola instalada nas portas, permitindo aos gatos sair e entrar livremente, que usei no meu livro *Passagens secretas* (2008), vem a calhar como símbolo de algo intermediário entre a abertura inteira e completa da porta, interpessoal (atrás da qual, você encontra a pessoa), e a ruptura clandestina das rachaduras transpsíquicas exploradas pelos ratos, por onde o gato não consegue passar.

A portinhola corresponde, topicamente, a um nível mental preconsciente e, relacionalmente, a um nível intersíquico, o que não implica a abertura completa e *oficial* (interpessoal) da porta, mas que, ao mesmo tempo, não corresponde às rachaduras inconscientes doentias, inevitáveis, nem a níveis de transmissão *transpsíquicos* nos quais as identificações projetivas/patológicas (ratos) realizam suas ações.

A análise constrói uma portinhola e *treina o gato* para usá-la (o gato é uma porção do Ego que é rápida em intuições e associações, por causa de sua familiaridade com o pré-consciente). Na troca intersíquica, frequentemente aceitamos (implícita, mas também instintivamente, consensualmente, e com economia significativa de energia) que *o gato* venha e vá, de um lado para o outro, entre nós e os outros. Às vezes, nós vemos e notamos isso, outras vezes não; sua passagem é um evento natural, não invasivo e não parasitário, que não está sujeito a controle rígido, e que, geralmente, não nos perturba. Essa é, provavelmente, uma parte crucial do nosso *saber como andar pelo mundo*, mais importante do que pensamos.

Quanto à relação entre os conceitos Interpsíquico, Empatia e Identificação Projetiva, estreitamente relacionados, mas para mim não coincidentes, penso que descrevem diferentes aspectos da mesma realidade relacional homogênea. O Interpsíquico é um nível funcional altamente permeável, compartilhado por dois aparelhos psíquicos, o que facilita situações de empatia complexa através de trocas baseadas nas assim chamadas identificações projetivas *normais* (Klein, 1955) ou *comunicativas* (Rosenfeld, 1987). A empatia é uma condição psíquica complexa, tanto para o indivíduo como para a dupla, requerendo, para acontecer, não apenas os níveis interpsíquicos funcionais (Bolognini, 2002a, 2002b): necessita da portinhola e da porta.

Em relação ao uso técnico específico e intencional do Interpsíquico, penso que isso ocorre com relativa raridade: para que aconteça, um analista precisa estar bem sintonizado com ele mesmo antes de qualquer coisa, e depois, com o mundo interno e com a organização dinâmica do paciente, a fim de permitir a transmissão de elementos verbais/sensoriais combinados, de dentro do analista para dentro do paciente, de forma natural e não forçada. Isso deveria ocorrer em um regime de *consentimento informado* em relação ao paciente, ou seja, colaborando com o seu Ego Central consciente, que deve, oportunamente, dar-se conta das transformações em gradual andamento. Entretanto, para tornar o processo mais natural e tolerável, a dupla pode usar, eventualmente, uma *porta de serviço no piso térreo*, cuja chave o paciente confiou ao analista.

### **Algumas ferramentas técnicas *mínimas* comumente usadas**

Acredito que todos os analistas usam essas ferramentas mínimas em sua prática diária, e fazem isso mais frequentemente do que não o fazem, de maneira natural, quase instintiva: geralmente, são ferramentas técnicas que passam pela portinhola, não porque são inconscientes, mas porque são essencial e consensualmente experimentadas como naturais. Nelas, a modulação da distinção entre Self e não-Self desempenha um papel central. Embora tecnicamente sejam *crianças de um Deus menor*, e raramente sejam encontradas na literatura psicanalítica, essas ferramentas merecem ser referidas e descritas, uma vez que são menos banais e menos óbvias do que aparentam.

#### 1) Pedidos de esclarecimento

Trata-se de perguntas coloquiais que habitualmente fazemos aos pacientes durante seu fluxo associativo ou não-associativo, quando sentimos que algo

realmente está faltando, ou não está sendo dito, e assim por diante. Vou mencionar três:

a) *isso é ...?*, quando o paciente disse algo que não está claro para nós;

b) *tipo ...?*, é uma questão mais maliciosa, uma espécie de *extrator de pensamentos* que poderia levar o paciente a trabalhar aspectos descritivos e qualitativos do que está dizendo, para que chegue mais longe, diga mais e entre no clima emocional, temperatura e qualidade de outras situações semelhantes;

c) a terceira questão é ainda mais sorradeira e intrigante: *Como assim ...?*

Essas três questões são pedidos de clarificação.

Aparentemente, estas ferramentas técnicas (vamos chamá-las assim, já que nos referimos a uma situação analítica, mesmo que seja claro que esses pedidos fazem parte do diálogo diário normal entre seres humanos) parecem destinadas somente a estimular o Ego Central do paciente. Ele é estimulado a completar um processo secundário que foi abordado, mas imediatamente interrompido, e a esclarecer o significado de sua comunicação reticente, esquiva, alusiva, incompleta ou, de alguma forma, incompreensível. Na realidade, o aspecto relacional evocado por essas expressões breves (*Isso é?*, *Tipo?*, *Como assim?*) é muito mais complexo.

Em primeiro lugar, o objeto (o analista) é animado e expressa um interesse nos pensamentos e sentimentos do outro. Ele/ela não se inclina à incompreensão de que o sujeito (o paciente) tende a administrar ao analista, assim como outros já haviam feito com ele/ela alguma vez. O analista mostra que ele/ela entendeu que o Ego Defensivo do paciente está de fato se opondo ao processo de compreensão e comunicação, e ele/ela não aceita, passivamente, o contrato subterrâneo de censura e castração funcional que constitui essa resistência.

Outro ponto chave, contudo, é que esse tipo de pergunta, que revela de forma aberta e desarmada a não-onipotência do analista ao declarar sua incapacidade de entender ou conhecer sem a ajuda do paciente, vem de um nível relacional de simetria parcial e de uma inquietante, porém útil, semelhança entre os dois. Se não são apresentadas de forma superegóica, parecem vir da mesma altura e não de cima. A modulação entre o *si-mesmo* e a *alteridade* é crucial neste jogo.

Essas perguntas fornecem ao paciente uma prova experimental direta da não-onipotência do analista, mas também de sua força. Aceitando seus limites e a castração de sua própria ilusão de onipotência (tão diferente do implícito *conheço tudo, entendo tudo*) significa que ele/ela pode, efetivamente, aprofundar a situação real e a relação. Perguntar, nesses casos, é um claro exercício de humildade e realismo; demonstrar o saber, como perguntar, intrinsecamente oferece ao outro (neste caso, o paciente) um contato com a sustentabilidade do não saber, sem que isso corresponda a uma derrota narcisista desqualificante.

Assim, observa-se como em muitos casos oferecer uma simetria parcial (contida dentro da assimetria, é claro) com uma proposta do tipo *ajude-me a entender, ou imaginar, esta situação ...* facilita, enormemente, a vontade do paciente de colaborar. Esta posição do analista mostra uma calma e segurança subjacentes, e o paciente pode experimentar isso através de mais do que apenas uma notificação cognitiva para o Ego Central. O paciente pode experimentar a conduta natural e relaxada do analista condensada em uma fração de segundo, ao lidar, respeitosamente, com seu próprio *Ego que não entendeu*. Superar a vergonha de seus próprios limites pode ser facilitado através da experiência direta de ver como o outro (o analista) lida com o seu próprio *não saber*.

Devo especificar que essa não é só uma experiência corretiva, mas sim, uma experiência de como o outro lida com o próprio Self. Também deve ser dito que uma demonstração excessiva de naturalidade pelo analista pode produzir o efeito oposto, pois pode humilhar o paciente e torná-lo invejoso de tal capacidade. A pergunta *Como assim...?* tem uma especificidade diferente. Propõe uma investigação que não acusa diretamente o paciente de ser reticente, diferentemente de *Isso é ...? E Tipo ...?* Solicita algo mais, um esforço, um estudo progressivamente mais profundo com vista a resultados potencialmente interessantes. O analista, neste caso, é mais abertamente investigativo do que despreparado, e não paga um preço narcisista particular por esse pedido. Se o analista pergunta: *Como assim...?* não é apenas por falta de conhecimento ou compreensão, mas porque está interessado em algo mais, em uma maior exploração; portanto, narcisicamente, o analista é menos diminuído pelo fato de perguntar.

Além desses aspectos relacionais mais refinados, no entanto, permaneça o fato de que, em todos esses casos, o paciente é convidado a trabalhar mais, a não parar no limiar do não dito ou do incompleto ou incompreensivelmente dito. O analista, então, pode ser comparado a um treinador que, ao custo de envolver intensamente o aluno, estimula-o a fazer um trabalho melhor de representação e comunicação. Naturalmente, deve-se ter em mente que pode ser pequena a distância a uma postura intrusiva e persecutória. Os treinadores devem conhecer seus alunos, para que eles possam pedir-lhes um esforço sustentável, sem levá-los ao ponto de ruptura.

Outra possível consequência de perguntar, pode ser a deflação prematura ou muito abrupta da idealização do objeto: se o analista (sujeito/objeto - suposto saber) pergunta, isso significa que ele/ela não sabe, e isso pode ser prematuramente decepcionante, se o timing, no decorrer do processo analítico, não for apropriado. Se a idealização do objeto for suportada e cimentada por um poderoso investimento narcisista, o paciente talvez deseje recuperar o objeto idealizado, voltando-se para outro analista que adere ao jogo de idealização,

fica em silêncio e nunca pergunta. O analista deve monitorar o dispositivo defensivo do aparelho psíquico do paciente; o jogo analítico é constituído por percepções sutis e modulações de *quanta realidade pode ser tolerada* (Micati, 1993).

## 2) Usando o pronome impessoal em vez de um pronome pessoal ou nome

Curiosamente, é para Irwin Yalom e seu histórico livro sobre análise de grupo (1970) que eu devo meu primeiro interesse nessa ferramenta técnica, a qual ele chamou de *universalidade da experiência*. Afinal, mesmo que a dimensão do grupo possa evocar um compartilhar de experiências potencialmente maior, a relação de dupla em análise é igualmente afetada por esse processo, o que reduz significativamente a lacuna entre o *si mesmo* e a *alteridade*.

Então, que pronome impessoal é esse? O pronome impessoal é a extensão da experiência do paciente a todos os seres humanos, como é comum a sua condição, limitando a aparente anormalidade e, de tempos em tempos, reformulando a caracterização patológica. Um dos maiores medos de muitos pacientes é que aquilo que estejam sentindo seja, em si mesmo, evidência de uma patologia grave e intratável. Quando usamos o pronome impessoal *um* ou *alguém* (assim como quando usamos o *nós* coletivo, mas usando *um* ou *alguém* tem o efeito de diluir, espalhar e humanizar ainda mais), a atenuação da diferença entre Self e não-Self, quando o pronome impessoal é usado, reduz, consideravelmente, as ansiedades de confronto, julgamento, inferioridade, indignidade e não aceitação.

A ideia de que, sob certas circunstâncias, os efeitos internos experimentados podem ser razoavelmente atribuídos a processos compreensíveis da vida, torna possível examiná-los de forma mais reflexiva e analítica. A qualidade da experiência pode ser explorada de modo mais profundo e humanizado e o controle pelo Ego defensivo menos obsessivo. Usamos o pronome impessoal na sessão, quando é útil modular essa universalidade de experiência.

*Just now, 'it' shot!:*

No romance de Herrigel, *Zen in the Art of Archery* (1999), ele descreve a relação entre um professor de filosofia alemão, altamente racional, no Japão, para um período de ensino universitário, e um Mestre Zen que, impassivelmente, observa as tentativas do professor, inicialmente infrutíferas, de disparar um arco e flecha. O professor, repetida e obstinadamente, tenta puxar o arco de forma intencional e controlada, sem sucesso; então, finalmente, sob o domínio do desespero misturado à fúria, o filósofo, finalmente, perde o controle e,

inesperadamente, dispara um tiro que ele não havia planejado de forma alguma, e que brotou da complexa relação progressiva entre o sujeito (ele mesmo) e o objeto (o arco).

O Mestre Zen, que até aquele momento estava sentado num muro atrás dele, imóvel e entediado, salta, alcança um arco e diz: *Just now, it shot!*. Essa fórmula, habilmente, condensa uma diminuição na distância entre Self e não-Self, entre sujeito e objeto; ambos parecem flutuar, agora, em uma dimensão compartilhada e universalizada; o relacionamento não é possessivo, não é controlado, não é intrusivo; o centro de gravidade da cena não está nem sobre o professor, nem sobre o arco. O Mestre Zen, mais tarde, especificará que seu arco não foi dirigido ao professor, mas sim ao evento.

Deixo para vocês a apreciação de algumas semelhanças significativas com a situação analítica e, claro, não posso terminar este capítulo sem ressaltar que também pode haver usos defensivos do pronome impessoal, por exemplo, quando é usado para negar a responsabilidade individual.

3) *Mmmmh!* Como uma extensão do pensamento, para facilitar a sintonia intersíquica

Em 1954, R. Greenson dedicou a esta expressão um breve, porém intenso trabalho teórico/clínico, observando como corresponde ao prazer oral, e como está ligado à raiz m de mãe, mamãe, mama, etc. Greenson enfatizou o aspecto do prazer. Eu gostaria de chamar a atenção para a experiência de um contato compartilhado de copensar (o que não está tão longe da referência de Greenson ao prazer da sucção, que é um equivalente) em um estado de fusionalidade não confusa, na qual a distinção entre o Self e o Outro fica borrado.

O som *Mmmmh ...!* é um convite implícito para compartilhar um nível de reflexão favorecido por uma pausa: gera a sensação de uma mente trabalhando, e cria um espaço disponível a pensamentos. É, certamente, uma dimensão menos absoluta e menos perturbadora do que o *vazio* criado pelo rígido silêncio do analista (Bolognini, 2010), destinado a *liberar* o inconsciente do paciente, desestabilizando o Ego Defensivo, em vez de favorecer sua abertura. Há situações em que o silêncio *duro* permite a percepção e a dramatização de um *vazio* útil, aberto à exploração do que é novo, e onde existe uma poderosa função de *sugar* os conteúdos internos. Mas há outras situações em que o silêncio do analista pode distanciar demasiadamente o Self do não-Self: ele pode congelar ou bloquear o paciente, e também pode gerar pânico.

O som *Mmmmh ....!* dá testemunho e condensa o interesse do analista, cria um espaço disponível para o paciente, mostra uma função de pensamento compartilhado que pode ser ativada, e fornece um modelo funcional, como: *... faça o que eu faço! Tente e sinta essas coisas, o que eles trazem à sua mente? Mmmmh ....!* é, basicamente, um convite para trabalhar reflexivamente em conjunto.

4) A simples repetição do que o paciente disse, com a adição inevitável das nuances de ressonância pré-conscientes do analista

Aqui está um breve exemplo clínico:

P: *No sonho, eu estava dentro de um veículo, talvez uma van, voando, deslizando para baixo. Eu estava no banco do passageiro. Estava claro que íamos acabar em uma extensão de água enlameada, turva e marrom.*

A: *Ah! A van ... (pausa) desliza ... (pausa) em direção a uma extensão de água marrom ... (pausa) cheia de lama ... (pausa) e você está ao lado do motorista ... (pausa) que não pode ser visto ... (ponto, ponto, ponto: deixa-se pendurado) ....*

P: (risos): *Claro, ouvindo repetido assim ... você não pode deixar de pensar que era eu ao seu lado! ...*

A: *Em suma, trata-se de desembarcar sem se machucar... (recentemente, havia sido noticiado que um avião aterrissara sem trem de pouso) mesmo que envolva o contato com água, que não é exatamente translúcida... (o paciente deve descer de uma posição idealizada, para uma que é mais realista, sobre si mesmo e sobre o objeto).*

5) O uso direcionado e intencional do *nós* em passagens comunicativas específicas, visando produzir sinergias funcionais e compartilhamento sustentável.

O *nós* é formado na fusão fisiológica primária, quando isso acontece; mas deve ser reconstruído, quando a boa fusão não foi suficientemente experimentada ou reparada, quando foi quebrada ou traumatizada. Em alguns casos, isso pode ser uma parte fundamental do nosso trabalho: reconstruir um *nós* básico que coexiste com o senso de individualidade; sempre considerando, então, essa alternância fisiológica dinâmica entre senso de individualidade e alteridade, por um lado, e a fusão parcial saudável, por outro. A aliança de trabalho será, então, um dos benefícios potenciais dessa extensão fisiológica do Self.

Concluindo, estas cinco ferramentas técnicas « minimalistas » são diárias, onipresentes e comuns a todos analistas. Elas merecem menção, apesar de sua aparente especificidade, uma vez que, como a portinhola, são parte de nosso dia a dia de trabalho.

### **Between yourself and others – the words of an inter-psychoanalytic dialogue analyst.**

**Abstract:** In this article, the author describes specific situations, that can happen between a patient and an analyst, when inter-psychoanalytic activities occur. Beginning with the technical theory, it proposes to focus on the significances and consequences of the possible Self modulation/ not Self and its monitoring by the analyst, when the analytic pair is in action. Firstly, create a differentiation between the Inter-psychoanalytic and Trans-psychoanalytic exchange; next, present a personal insight about the difference between Inter-psychoanalytic, Inter-subject and Inter-personal and the consequences that concern the words and the style of the analyst in session; finally, explore some of the tools and specific techniques, in relation to the modulation between distance/differentiated inside of the analytic pair.

**Keywords:** Inter-subject. Inter-personal. Inter-psychoanalytic. Otherness.

### **Referências**

- Bolognini, S. (1997a). Empatia e patologie gravi. In Correale, A. & Rinaldi, L. (a cura di). *Quale psicoanalisi per le psicosi?* Milano: Raffaello Cortina.
- \_\_\_\_\_. (1997b). Empathy and empathism. *The International Journal of Psychoanalysis*, 78, 279-293.
- \_\_\_\_\_. (2002a). *L'empatia psicoanalitica*. Torino: Bollati Boringhieri. Edition Française: L'Empathie Psychanalytique. Eres, 2006.
- \_\_\_\_\_. (2002b). The analyst at work: two sessions with Alba. *The International Journal of Psychoanalysis*, 83, 753-766.
- \_\_\_\_\_. (2008). Passaggi segreti. Teoria e tecnica dell'interpsichico. Torino: Bollati Boringhieri Editore. English version: Secret passages. IPA New Library. London: Routledge, 2010.
- \_\_\_\_\_. (2010). Lo Zen e l'arte di non sapere cosa dire. Torino: Bollati Boringhieri.
- Fonda, P. (2000). La fusionalità e i rapporti oggettuali. *Riv. Psicoanal*, 43(3), 429-449.

- Goldberg A. (1994). Farewell to the objective analyst. *The International Journal of Psychoanalysis*, 75(1), 21-30.
- Greenberg, J. (2001). The analyst's participation: a new look. *JAPA*, 49(2), 359-381.
- Greenson, R. (1954). Il suono mmm. In *Esplorazioni psicoanalitiche*. Torini: Bollati Boringhieri, 1999.
- Guss Teicholz, J. (1999). *Kohut, loewald and the postmoderns: a comparative study of Self and relationship*. Hillsdale NJ: The Analytic Press.
- Herrigel, E. (1999 ). *Lo Zen e il tiro con l'arco*. Adelphi.
- Kaes, R. (1993). *Le groupe et le sujet du groupe*. Paris: Dunod.
- Kaes, R., Faimberg H., Enriquez M. & Baranes J. J. (1993). *Transmission de la vie psychique entre générations*. Paris: Dunod.
- Klein, M. (1955). On identification. In *New directions in psychoanalysis*. London: Tavistock Publ.
- Losso, R. (2000). *Psicoanalisi della famiglia. Percorsi teorico-clinici*. Milano: Franco Angeli.
- \_\_\_\_\_. (2003). *L'intrapsichico, l'interpersonale e il transpsichico nella psicoanalisi di coppia*. Relazione al Centro Psicoanalitico di Firenze, 30-1.
- Micati, L. (1993). Quanta realtà può essere tollerata? *Riv. Psicoanal.*, 39(1), 153-163.
- Rosenfeld, H. (1987). *Impasse and interpretation*. London: Tavistock Publications.
- Segal, H. (1994). Phantasy and reality. In *The contemporary kleinians of London*. New York: International Universities Press.
- Yalom, I. (1970). *The theory and practice of group psychotherapy*. New York: Basic Books.
- Widlocher, D. (2003). La personne du psychanalyste et les processus d'empathie et de co.pensées. *Bulletin FEP*, 57, 89-95.

Stefano Bolognini

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Tradução: ABC traduções

Recebido em: 18/09/2017  
Aprovado em: 10/10/2017

Stefano Bolognini  
Via Dell'addadia 6  
Bologna 40122 Italy  
E-mail: dott.stefano.bolognini@gmail.com